



E N T H E O R I A

Cadernos de Letras e Humanas

DE MARCELO RUBINI A JEP GAMBARDELLA: A CONSTRUÇÃO DO EU ATRAVÉS DA ALTERIDADE

Marcela Adélia de Oliveira Leite ¹

Prof. Me. Ivo Di Camargo Jr. – UNIESP ²

RESUMO: A motivação maior deste artigo é o fato do cinema ter uma aproximação com a realidade, tendo o princípio da Alteridade, proposto por Bakhtin, como maior catalisador. Foram analisadas as personagens Marcelo Rubini, do filme *La Dolce Vita* (1960), de Federico Fellini e Jep Gambardella, do filme *La Grande Bellezza* (2014) de Paolo Sorrentino, com o intuito de dialogar diacronicamente que suas relações com a alta sociedade romana, somadas ao passar do tempo, deram origem a dois homens semelhantes, mas com visões de mundo modificadas pelo olhar do tempo, respondendo aos questionamentos filosóficos propostos. Neste trabalho tentaremos demonstrar isto por meio dos conceitos da filosofia da linguagem bakhtiniana.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade, cinema, dialogismo, ideologia, polifonia.

ABSTRACT: The main motivation of this article is that the film has an approximation to reality, taking the principle of Otherness proposed by Bakhtin as a major catalyst. They analyzed the characters Marcelo Rubini, the film *La Dolce Vita* (1960), Federico Fellini and Jep Gambardella, the film *La Grande Bellezza* (2014) by Paolo Sorrentino, in order to dialogue diachronically that its relations with the high Roman society, added to over time, resulted in two similar men, but with worldviews modified by the look of the time,

¹ Graduando em Letras na UNIESP Sertãozinho.

² Professor de Linguística na UNIESP Sertãozinho e Mestre em Linguística pela UFSCar. E-mail: sideamaral@hotmail.com

responding to the proposed philosophical questions. This paper will try to demonstrate this through the concepts of Bakhtin's philosophy of language.

KEYWORDS: Signature; Authorship Figuring themselves; Bernardo Santareno; Portuguese, writer, 45 years of age.

Introdução

O cinema tem a capacidade de ultrapassar os limites entre o real e o imaginário, refletir a cultura e os costumes de uma sociedade e estabelecer uma relação de proximidade dialógica com o espectador. Ele é ideológico, ajuda a construir fatos e mudar conceitos, levando-nos a fazer uma análise social e da histórica a partir de nossa maneira de olhar o mundo, sendo um campo fértil para pesquisas das mais diversas áreas.

Na obra *Estética da criação verbal*, Mikhail Bakhtin afirma que:

O homem não pode juntar a si mesmo num todo exterior relativamente concluído, porque vive a sua vida na categoria de seu eu. Não é por falta de plano de sua visão externa- ainda que sua insuficiência seja considerável – mas por falta de um princípio valorativo interno que lhe permitisse, de dentro de si, ter uma abordagem para sua expressividade externa (...). É nesse sentido que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que junta e unifica e é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo... Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse (2003, p. 55).

O homem constrói seu *eu* através da relação com o outro. Assim, podemos afirmar que nossa identidade é reflexo do outro, uma extensão dele e que este também está presente em nós. Esse processo de construção do nosso EU nos coloca em uma busca pela totalidade que não conseguimos vivenciar sozinhos. Nossa humanidade está justamente na dependência do outro, nesse buscar no outro aquilo que nos preenche e nos completa, ainda que essa completude seja impossível.

De acordo com o Miotello (2011, p. 09): “*Diálogo-dialogia é bem diferente de diabolía. Diabólico é o que separa, o que não permite junção, o que exige solidão, o que me mantém só, egolatrado*”. Em nossa sociedade, a sensação que se tem é de que a alteridade é algo teórico, distante. Parece que nos esquecemos de que precisamos do outro para aprender a aceitar a visão diferente. O que vemos é um aumento do egoísmo na vida cotidiana, com desrespeito e desprezo ao próximo que acaba não tendo a oportunidade de praticar a alteridade em comunidades cada vez mais fechadas em sua estultícia, diabolizadas, portanto. Assim, tentamos responder aos questionamentos seguintes: até onde

podemos chegar vivendo em uma sociedade onde somente o EU prevalece? É possível a prática da alteridade em um meio decadente e hostil? Como o vazio pode modificar minha maneira de enxergar a vida? Precisamos entender a alteridade para podermos praticá-la e praticando buscar evoluir na interação com o outro, no intuito de fazer uma sociedade melhor.

Dialogia e alteridade nos discursos cinematográficos

Pensar na relação cinema-indivíduo é pensar na relação indivíduo-sociedade, pois de acordo com Bakhtin há duas formas de sociabilidade: a relação entre interlocutores que interagem e a interação desses interlocutores com a sociedade. Assim, pensando na característica dialógica do cinema, podemos dizer que ele ultrapassa a fronteira do entretenimento quando os signos ideológicos em constante interação com o espectador exercem sobre ele e sobre a sociedade uma influência que não se pode presumir.

Isso nos leva também a uma importante reflexão sobre a questão da alteridade. A prática da alteridade se dá tanto entre indivíduos como entre grupos sociais. Por meio dela vemos o mundo sob uma perspectiva que não é a nossa e que por isso mesmo enriquece a nossa própria visão de mundo e nos transforma. Também é importante que se conheça a diferença de concepções entre interlocutores. Isso é uma condição para entender como se dá esse processo. Para isso é necessário compreender o discurso cinematográfico. No livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin afirma que:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas ao contrário destes, ele também reflete e retrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo (2004, p. 31).

O cinema é um grande propagador de ideias sendo uma mídia ideal para dominação das massas e consolidação de ideologias como, por exemplo, na época da Guerra do Vietnã, onde os filmes americanos colocavam imagens de seus soldados como heróis e evidenciava o jovem que ia à guerra pela pátria. Isso funcionou e muitos jovens se apresentaram às forças armadas na época. Outro exemplo foi o cigarro, que entre as décadas de 1930 a 1980 era sinal de status, poder e as indústrias de tabaco pagavam bem para Hollywood colocar seu ator principal fumando. Porém, hoje, o cigarro não é mais visto tão positivamente e consequentemente, nos filmes, eles aparecem com menos frequência e na maioria das vezes são os “vilões” que fumam.

O discurso presente em um filme normalmente vem atrelado a outros e essas muitas vozes surgem para dialogar com o espectador e transmitir ideias. Entretanto, se essas vozes se farão entender ou não, dependerá das concepções de mundo daquele que assiste. Ao analisarmos a cena inicial do filme *La Grande Bellezza* veremos turistas encantados com a beleza de Roma e olhando maravilhados para tudo. Um grupo de orientais passeia e um deles, tomado pela beleza do lugar e pela música quase hipnótica, acaba se distanciando um pouco dos demais. Ele tira várias fotos para eternizar a beleza do momento, mas, em um sutil movimento, a câmera gira em torno dele que enxuga o suor da testa com uma das mãos e desfalece, vítima provavelmente de um ataque cardíaco. Em outra cena, alheios a tudo isso, a elite Romana festeja em seu mundo particular, regado a muita bebida, sexo e drogas. A experiência efêmera e prazerosa proporcionada pela música eletrônica quase ensurdecadora e pelas performances bizarras, não consegue amenizar a sensação de vazio que Jep Gambardella, o protagonista, sente. Ainda nesta passagem, há um momento em que ele se destaca da multidão para explicar que sempre acreditou que estava destinado a sensibilidade, algo incapaz de ser saciado pelos prazeres que seu dinheiro poderia comprar. Nem o oriental, nem tampouco Jep conseguem obter o mais importante: a beleza real. Que não está na extravagância, mas na simplicidade, pois precisa ser sentida de maneira natural, espontânea e verdadeira.

Todos esses signos descritos têm a intencionalidade de levar a reflexão sobre o vazio existencial da personagem e o que vai permitir ou não o entendimento por parte do espectador é de fato o quanto da mensagem foi absorvido durante o processo dialógico que se travou entre o filme e o sujeito, mas para que esse entendimento ocorra, será necessária a compreensão dos discursos ali existentes, das intertextualidades, de suas convicções e de uma visão de mundo cada vez mais apurada. Compreender essa diferença de concepções e interpretações que podemos fazer dos signos e discursos será fundamental para entendermos a transição da visão mundana do jovem Marcelo Rubini, para a amadurecida visão filosófica do velho Jep Gambardella.

Análise

A alteridade é um dos conceitos que estão fundamentados na obra cinematográfica e para atestá-la foram escolhidas as cenas finais dos filmes, *La Dolce Vitta* (1960) e *La Grande Bellezza* (2014) que embora distintos, dialogam polifonicamente entre si e se complementam, fazendo com que as semelhanças e as diferenças expliquem a evolução

das personagens. Stam, crítico americano, baseia-se sobre o potencial teórico da obra de Bakhtin para suas análises filmicas. Para este autor:

No sentido literal de tato, o cinema pode ser considerado, em parte, a *mise-en-scène* de situações discursivas reais, como contextualização visual e auditiva do discurso. Essa dramaturgia tem seu tato específico suas maneiras de sugerir, através da colocação da câmera, do enquadramento da interpretação, fenômenos como intimidade ou distância, companheirismo ou dominação, em suma, a dinâmica social e pessoal que se realiza entre interlocutores. O sentido metafórico de tato, enquanto isso evoca o poder implícito e as relações sociais entre filme e público (1992, p. 63).

Quando inspirado na realidade sócio-histórica, uma obra fílmica pode aproximar-se do cotidiano de seu público, transformando-o e sendo por ele transformado. A interação é, portanto, a base de toda a linguagem e esta não é algo que surge de consciência própria, mas que se consolida socialmente em um processo dialógico. Ainda sobre esse aspecto dialógico e ideológico do cinema, Di Camargo (2005, p. 03) cita em seu artigo:

Pensamos poder garantir que o cinema representa uma instância privilegiada de relações intertextuais, de construção ideológica e interação social, devido ao interrelacionamento das mais variadas modalidades de signos sistematizados, não apenas pela palavra, mas, igualmente, pelo som e pela imagem na constituição de seu produto final, o texto fílmico.



A qualidade de uma obra se sustenta também a partir do impacto que ela produz no público. Alguns dos seus elementos se desprendem da obra e passam a integrar a sociedade, sejam através de conceitos, ideias ou, até mesmo, expressões. Como no caso do termo “*paparazzi*”, tão utilizado hoje e que fora retirado do nome do ajudante de Marcelo Rubini, “Paparazzo”, passando a ser usado para descrever os profissionais que perseguem celebridades em busca de fotos exclusivas.

Objetos da análise

Marcelo Rubini é um jornalista que convive com o mundo frívolo da alta sociedade e frequenta bares, cafés e festas. Cada vez mais distante do seu sonho inicial de escrever um livro, é quase escravo daquele sistema nocivo e aos poucos vai se desiludindo com o

mundo falso e vazio da burguesia romana. Quando jovem, Jep Gambardella escreveu “*O Aparato Humano*”, seu único livro e um grande sucesso. Hoje, como escritor, entrevista artistas performáticos e se depara com a nulidade de sua rotina aos 65 anos, onde não tem grandes pretensões a não ser driblar o tédio com noitadas regadas a bebida, relacionamentos fugazes e conversas sobre a chateação de se viver em um período de decadência estética.

Temos nesta conjuntura dois personagens que vivem em meio à alta sociedade romana, participando de festas e encontros onde o superficial e o individualismo são marcas constantes, o que os leva a uma insatisfação manifestada por uma sensação de não pertencimento aquele meio. Essa insatisfação é vivenciada de maneira diferente por ambos. Marcelo é um homem de prazeres, mas não de compromissos, não tem rumo, assim como os artistas que entrevista e às mulheres com quem dorme, buscando na efemeridade do gozo a felicidade. Mesmo o encontro com seu pai não o alegra, pois não vê nele o semblante daquilo que procura. Acaba sozinho e incompreendido em uma sociedade imoral. Para Jep, a decadência é consciente. Vive entre o fingimento e a emoção, entre a morte e o desejo de vida, entre hostilidade e a aparência, tendo sua angústia atenuada pelos prazeres que seu dinheiro pode comprar. Ambos viviam no mesmo meio social, a classe artística romana, sendo assim, como explicar que embora com estilos de vida tão semelhantes, possam ter visões de mundo tão distintas? Uma possível explicação se dá pelo pensamento bakhtiniano, onde a convivência com o outro é o que constitui o ser humano. É o alicerce do processo dialógico, a interação verbal e sua caracterização dialógica.



Para Bakhtin:

A psicologia do corpo social se manifesta essencialmente nos mais diversos aspectos da “enunciação” sob forma de diferentes modos de discurso, sejam eles interiores ou exteriores. Este campo não foi objeto de nenhum estudo até hoje. Todas as manifestações verbais estão, por certo, ligadas aos demais tipos de

manifestação e interação de natureza semiótica, à mimica, à linguagem gestual, aos gestos condicionados, etc (2004, p. 42).

A comunicação pode se dar por meio de diversas manifestações linguísticas, como a fala, a escrita, os gestos, as expressões. Assim quando pensamos em interação social, podemos imaginar que ela se dá nas diversas esferas da comunicação. Miotello & Di Camargo (2008, p.93) citam que:

Estamos aqui no reino dos estudos e das vivências de um sujeito-que-fala com outro sujeito-que-fala. Esse diálogo menor, plantado no cotidiano dos humanos, se alarga para incluir em suas fronteiras sem limites os contextos mais amplos possíveis. É o homem humanizando a sua volta, constituindo as coisas em outros, com os quais interage, modificando-os continuamente e sendo pelos outros modificados, numa ciranda sem-fim. A meditação é a linguagem.

Esse campo de comunicação contínua se dá na comunicação verbal, lugar onde se materializa o fenômeno ideológico. Sobre a questão do meio social e da ideologia como fundamento para o processo dialógico, Miotello (2005, p. 172) enfatiza que “*O meio social envolve, então, por completo o indivíduo. O sujeito é uma função das forças sociais. O eu individualizado e biográfico é quebrado pela função do outro social*”. Um dos princípios fundamentais da alteridade é que o homem, na sua vertente social, tem uma relação de interação e dependência com o outro. Quando é possível verificar a alteridade, uma cultura não tem como objetivo a extinção de outra porque a alteridade implica que um indivíduo seja capaz de se colocar no lugar do outro, em uma relação baseada no diálogo e valorização das diferenças existentes.

Marcelo Rubini, não realiza seu sonho de se tornar escritor e não obtendo o sucesso desejado, vive de entrevistar celebridades fúteis e frívolas, com as quais não consegue estabelecer uma relação dialógica, não consegue encontrar o prazer e a felicidade plena, vivendo uma constante sensação de incompletude e vazio. Assiste, ora cúmplice, ora distante, às fúteis noites burguesas, sem grandes pretensões para seu futuro. Jep é um escritor, tendo feito caminho inverso ao de Rubini, porém esse feito também não confere a ele nenhuma pretensão futura e assim, vive de entrevistas com uma decadente classe artística romana. Porém, os anos de vida e experiências vividas conferiram a este uma visão realista de sua própria vida e também da vida daqueles que o cerca. Com 65 anos, parece satisfeito por finalmente ter entendido o verdadeiro significado da vida. Em uma passagem interessante ele nos ensina as regras de um velório e se coloca perante a dor do próximo, dando-se conta de sua fragilidade e fazendo seus questionamentos existenciais sobre sua vida agitada e prazerosa, analisando como tudo tem o seu e como tudo termina

com a morte. Seria possível, portanto, a prática da alteridade em um meio que fazia deles alheios a tudo, desprovido de alegrias e com emoções reprimidas?

Miotello & Di Camargo (2008, p. 92) citam que:

O excedente de visão estética é uma categoria importante e deveríamos nos servir dela para poder perceber melhor as relações de proximidade e diferenças que temos para com nosso outro, isso reforça a compreensão de que somos emanados do outro, que guardamos relações íntimas com o outro, mas que também divisamos conjuntos do outro que nem ele tem conhecimento.



O excedente de visão é a possibilidade que o sujeito tem de ver mais do outro, mais que este de si mesmo, devido ao fato de encontrar-se em posição exterior a este (exotópica). Assim, o excedente de visão só é possível porque há essa possibilidade de enxergar o outro de uma perspectiva que ele nunca irá enxergar. Quando um sujeito atribui a outro seu excedente de visão, permite-lhe completar-se de maneira que sua individualidade não conseguiria sozinha. A exotopia permite também revelar nossa incompletude, pois o outro me incompleta ao procurar me completar, revelando ausências no meu próprio eu.

O que impossibilitava Marcelo de compreender as pessoas era o fato de ele não estar ideologicamente em sintonia com seu meio. Sua cegueira em relação ao outro não o permitia mergulhar nas emoções alheias e assim se colocar na alteridade, estabelecendo com ele uma ponte de entendimento. Não consegue encontrar a felicidade que tanto busca. Sendo ainda jovem e desiludido, não vê outra saída para seu vazio existencial a não ser se conformar com aquilo com o qual ele não pode lutar e continuar, portanto, longe da felicidade plena. Já os anos de vida e a maturidade de Jep lhe conferiram uma visão mais direta onde ele analisa seus semelhantes. Ele não precisou envelhecer e só experimentou o que quis. Seu cinismo o faz desdenhar das pomposas opiniões alheias, reduzindo-as. Sua ausência de ambição aumentou seu fingimento, o seu realismo. Assim como o cheiro da

casa dos velhos, a imersão de Jep no outro acontece na descoberta das belezas sutis e escondidas. Onde a vergonha de participar das misérias humanas é amenizada pelos prazeres. Tanto Jep quanto Marcello veem o mundo de posições distintas. Um olha para o futuro e se projeta; o outro olha para o passado e se analisa.

Conclusão



Marques (2014, p. 35) cita que:

O que se vê, é uma sociedade necessitada do outro. Perceba-se cada vez mais um sujeito individualista, que tende a afastar-se do outro e tenta monologizar. Porém o pensamento bakhtiniano nos esclarece que só é possível constituir uma identidade por meio das relações que o nosso eu estabeleceu e estabelece durante todo o percurso da vida com esses outros.

Na relação social, para constituir uma individualidade, é necessário um coletivo que parta do princípio de que apenas existimos a partir do outro, da visão do outro, o que me permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, tanto do diferente quanto do eu mesmo. Quando colocamos a Alteridade, não a identidade, como construtoras do sujeito, admitimos que seja o outro que nos constrói e que ele pode nos alterar, modificar, assim como nós também constituímos o outro. Essa relação deveria acontecer em certa equivalência, porém, em um mundo cada vez mais egoísta e insensível às necessidades no outro, isso não acontece. O que vemos são pessoas que escancaram uma felicidade que na verdade não passa de incompletude mascarada desesperadamente de satisfação.

No plano da vida, somente o excedente de visão pode completar um indivíduo onde ele mesmo não pode completar-se. Não podemos realizar um acabamento de nós mesmos, pois não posso abranger todo horizonte atrás de mim e minha própria imagem externa. Assim, o individualismo não me preenche; eu não me basto, pois preciso do olhar do outro,

do meu interagir com o outro. Como vivemos em sociedade com outros, nosso acabamento nunca está completo e é sempre provisório até encontrarmos com outro grupo, outras visões, outra alteridade.

Vivendo em um mundo tão focado no individualismo, que não reconhece a riqueza das diferenças, há a tendência a fechar-se para o outro, não deixando que este nos perpassasse com seus muitos outros que fazem uma construção mais humana. Portanto, a busca pela felicidade ou mesmo pela beleza da vida seria interminável, porque não está na satisfação dos prazeres, mas na dialética estabelecida com o outro. Nossa busca pela completude se dá até o dia de nossa morte, porque somos por natureza incompletos e por esta razão precisamos do outro, do coletivo para conhecer de nossa identidade. Precisamos do nosso meio social para nossa construção, pois sem ele somos meras cópias de um eu sem o outro, diabolizados em nossa estultícia, buscando um sentido para nossa existência que sozinho não se pode achar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 2004.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.
- DI CAMARGO, Ivo Jr. *O dialogismo bakhtiniano em Forrest Gump, de Robert Zemeckis*. 2006.
- Grupo de estudos de Gêneros do Discurso (GEGe). *Palavras e contrapalavras – Glossariando conceitos, Categorias e noções de Bakhtin*, Pedro & João Editores, 2013.
- _____. *Palavras e contrapalavras – Circulando Pensares do círculo de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- _____. *Veredas bakhtinianas – De objetos a sujeitos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006.
- _____. *Palavras e contrapalavras – Construindo o Sujeito em alter-ação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.
- MARQUES, L. Provocações de Alteridade. In: Grupo de estudos de Gêneros do Discurso (GEGe). *Palavras e contrapalavras – Construindo o Sujeito em alter-ação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.
- MIOTELLO, V. *Ideologia*. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin – Conceitos Chaves*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. & DICAMARGO, Ivo. *Em busca da chave do novo humanismo: Bakhtin, o chaveiro do século XXI*. In: Revista de Letras Norte@mentos, 2008/02.
- _____. O diferente sou eu para o outro – Teses sobre Alteridade rascunhadas à luz e sombra de Bakhtin, In: _____. *O diferente instaura o diferente – compreendendo as relações dialógicas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- OSORIO, Ester Mirian Rojas (org.) *Mikhail Bakhtin – diálogo entre literatura e o cinema latino-americano*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.
- _____. *Mikhail Bakhtin e os gêneros de discurso na educação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- STAM, R. *Bakhtin – Da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. Bakhtin e a crítica midiática. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.